

GO GIRLS – AS MULHERES NO PUNK UNDERGROUND DE CURITIBA

GO GIRLS – WOMEN IN CURITIBA UNDERGROUND PUNK

Carolina de Andrade Cardoso

Universidade Federal do Paraná
carol-acardoso@hotmail.com

Resumo. O presente trabalho realiza uma investigação de como as mulheres musicistas transitam pelo underground da cidade de Curitiba. Através de observação participante em ensaios e shows de quatro bandas punk/garage rock de mulheres, percebe-se que houve um aumento no público feminino assim como também a existência de um número maior de mulheres instrumentistas e bandas mistas ou com formação só com mulheres. Descrevo como as quatro bandas observadas nessa pesquisa, compartilham espaços de ensaios e shows com bandas de vários subgêneros do rock, mostrando que tem determinação e potência para se manterem na cena underground curitibana. Na atualidade, as mulheres ainda batalham para terem seus trabalhos apreciados assim como também lutam contra os papéis de gênero que consideram que devam ser trabalhadoras, mães e esposas, exercendo duplas ou triplas jornadas de trabalho.

Palavras-chave. Padrões de gênero. Mulheres no underground. Bandas punk de mulheres.

Abstract. The present work carry out an investigation of how women musicians transit through the underground of the city of Curitiba. Through participant observation in rehearsals and concerts by four punk / garage rock bands for women, it is clear that there was an increase in the female audience as well as the existence of a greater number of female instrumentalists and mixed bands or with only women training. I describe how the four bands observed in this research, share spaces for rehearsals and shows with bands from various subgenres of rock, showing that they have determination and power to remain in the underground scene in Curitiba. Nowadays, women are still struggling to have their jobs appreciated, as well as fighting against gender roles that they consider to be workers, mothers and wives, exercising double or triple working hours.

Keywords. Gender patterns. Women in the underground. Punk bands of women.

INTRODUÇÃO

O propósito dessa pesquisa é dar voz a mulheres musicistas, instrumentistas, que compõem o público e são participantes e protagonistas da cena *underground* curitibana, descrevendo como as mulheres de quatro bandas de punk e garage rock vivem o *underground* em Curitiba, relatando como se organizam para os ensaios, as formas de produção DIY e independente no lançamento de músicas e discos, bem como outros materiais de divulgação das bandas, assim como em suas atuações nos shows.

Esse artigo surge de um recorte da minha pesquisa de conclusão do curso de Ciências Sociais, onde tive a oportunidade de acompanhar as quatro bandas mencionadas aqui durante o ano de 2019 e primeiros meses do ano de 2020. É importante ressaltar que estou inserida nesse meio como parte do público de bandas do *underground* há quase 20 anos, frequentando shows de bandas de rock e de seus subgêneros punk, pós-punk e psychobilly. Faço uso da minha experiência e subjetividade para construir uma interpretação desse universo, por isso está acrescentada na pesquisa entrevistas e depoimentos com as praticantes que fazem parte do movimento *underground*, público e banda, em uma tentativa de assimilar o quão significativo e representativo tem sido a produção dessas mulheres e também compreender como elas tem consciência sobre si mesmas, como enxergam seus papéis no mundo.

Para Gomes e Mello (2007), a posição que a mulher ocupa na musicologia, está associada a posição que ela ocupa no dia a dia, como “inferior, sem poder, caracterizada pela emocionalidade, frivolidade” e não como sujeitas racionais capazes de serem levadas a sério. Entretanto, a autora ainda menciona o déficit de estudos relacionados a produção musical feminina, principalmente em países como o Brasil:

O papel da mulher, sob o prisma de diferentes áreas do conhecimento, tem sido sistematicamente revisto nos últimos vinte anos, compondo um campo de estudos que passou a conhecer por “estudos feministas”. O universo musical, tanto no que concerne à produção quanto aos estudos sobre estas produções, tem sido, por longo tempo, uma prerrogativa masculina. Contudo, nas últimas décadas, pesquisas originadas no campo dos estudos culturais, da antropologia, da musicologia e da história têm mostrado novos caminhos para se pensar tanto o trajeto feminino ao longo das transformações e da consolidação de várias narrativas que permeiam a música ocidental, quanto as implicações que as relações de gênero têm sobre a política e a produção musical mundial (Gomes; MELLO, 2007, p. 69).

As bandas que acompanhei foram: As Jagatiricas; As Cigarras; Naome Rita e Dopamina, pelo motivo de serem bandas formadas só ou majoritariamente por mulheres e estarem ativas na cena musical curitibana.

O UNDERGROUND CURITIBANO

O underground curitibano é composto por diversos grupos que apreciam os mais variados subgêneros do rock. Frequentando bares, shows e festivais, é possível observar a presença de punks, metaleiros, mods, indies, como também motoqueiros usando seus tradicionais coletes de motoclube. É também frequentado por pessoas que não estão propriamente vestidos como se fizessem parte de uma tribo urbana, mas é fácil reconhecê-los pelos seus jeans surrados, all-star's e camisetas de bandas de rock. Atualmente é possível observar uma convivência pacífica entre esses diferentes grupos, porém até alguns anos atrás, era impossível que estivessem sob um mesmo teto sem que houvesse alguma briga. O fato de não pertencerem a um mesmo estilo era motivo o suficiente para que esses grupos se confrontassem, conforme retratado no documentário independente de 2003: “Punks na Cidade” de Darwin Dias sobre a história do surgimento do punk em Curitiba¹.

O documentário mostra o início do punk em Curitiba, em 1978 contada do ponto de vista de alguns integrantes de bandas desse período como o “Beijo AA Força”, passando pelo período em que o movimento começou a se dividir no final da década de 1980 e começo dos 1990, e criar as suas próprias vertentes: de um lado os *punk's 77*, que consideravam que a música devia ser usada somente para se divertir e a *JL (juventude libertária)*, que consideravam a música como uma ferramenta de protesto baseada na ideologia anárquica. Nesse período, as brigas aconteciam dentro do próprio movimento. O vídeo é narrado majoritariamente por homens, apenas três mulheres aparecem para contar sobre os acontecimentos da época. Nesse sentido, é possível dizer que o *underground* está consolidado na cidade há mais de 40 anos e é formado por grupos com realidades distintas que se unem para apreciar seus estilos musicais preferidos.

Especificamente na cena curitibana, os bares que acolhem o *underground* tiveram muita importância para que os movimentos se firmassem na cidade. Foram eles que abriram os espaços para que as bandas tivessem oportunidades de demonstrarem os seus trabalhos. Mas

¹ Para assistir ao documentário, acessar aqui: <https://youtu.be/h3EdQjFEfQw>

não são só nos bares que as bandas e público e de música que o *underground* de Curitiba vive. Muitas livrarias têm aberto seus espaços para eventos que conciliam música, literatura e quadrinhos.

Esses lugares seguem resistindo a crises econômicas e a quantidade de bares e casas de shows grandes que almejam uma circulação maior de público, apostando em uma diversificação maior de estilos musicais ou de bandas que fazem maior sucesso no meio *mainstream*².

OS ENSAIOS

Os ensaios geralmente acontecem em estúdios preparados para esse fim, com isolamento acústico para melhor tratamento do som e equipamentos amplificados. Em alguns desses estúdios, é possível realizar as gravações das músicas. Em Curitiba, esses lugares estão dispostos em várias partes da cidade, do centro aos bairros e é possível que estejam organizados em um espaço na casa de algum (a) conhecido (a) que possivelmente seja músico/musicista, em que proprietários disponibilizam um lugar estruturado em suas casas para ensaios e gravações de bandas locais. Mas os ensaios não precisam necessariamente ocorrer somente nesses ambientes. Algumas bandas preparam um espaço em casa para que possam ensaiar, criando uma área mais despojada, sem a preocupação de que precisam cumprir um determinado horário e pagar a mais para poder utilizá-lo. São nos ensaios também que surge as ideias para as músicas, alguém pode até trazer uma ideia já formulada, mas é quando a banda se reúne que idealização de um projeto se concretiza, trazendo os elementos criativos de cada integrante.

A dupla Naome Rita geralmente escreve as letras antes de musicarem suas composições. Sisie explica como funcionam os ensaios da sua banda:

Esse processo de ensaio e composição mudou bastante com o passar do tempo, analisando agora. No começo dependíamos de estúdio para ensaiar alugávamos os mais podera de barato, aqueles com "bateria de tetano" para ensaiar mais de uma vez na semana. Tanto eu quanto a Ivy tínhamos algumas composições antigas, aí trazíamos par o ensaio. Sempre tentando achar um meio termo nas nossas influências para soar do jeito que queríamos. Lembro que a primeira música que fizemos o instrumental é bem estranha parece uma quimera³. Ensaíamos também em

² Ao contrário do *underground*, o *mainstream* é focada em uma cultura voltada para as massas.

³ Combinação inadequada de elementos diversos.

uma república, onde tivesse uma bateria e um ampli⁴, tinha "showzinho". Até que conseguimos espaço para ensaiar no DCE⁵. Tem uns vídeos gravados lá, foi um up para nós, porque se levássemos os instrumentos podíamos ficar o quanto quiséssemos. Hoje é na sala de casa mesmo com os vizinhos querendo assistir, mas desistindo porque é muito barulho (*risos*). Tenho bem pouca coisa para captação de bateria, porém já ajuda quando quero passar alguma linha pra Ivy nesses últimos meses (SOARES, Sisie, 2020).

As Jaguatiricas ensaiam as músicas já na ordem do set list de um show agendado. Elas alternam uma música mais rápida com uma pouco mais lenta pois acreditam que, nas palavras da Gabinha, fica chato se tocarem uma sequência de músicas lentas, então a tendência é de intercalar. Mesmo com essa adaptação, Gabinha diz sofrer um pouco, pois quando se empolga com uma música mais rápida, acaba acelerando na próxima do set list, ficando com receio de acabar não dando conta de terminar de tocar a música.

A banda ensaia em estúdio que contém diversas salas e é possível escutar, mesmo que baixinho, outras bandas ensaiando ao mesmo tempo (todas em uma escala de subgêneros do rock que variam do heavy metal ao punk). O responsável pelo estúdio prepara a sala para atender as especificidades de cada banda, entre equipamentos específicos ou outras necessidades das equipes. As salas também têm tamanhos diferentes, justamente para atender diversas bandas com maior e menor número de instrumentistas.

Quando as Jaguatiricas elaboram uma música nova, o casal Beta e Tocha geralmente levam para os ensaios uma base musical que eles elaboram em casa. Muitas vezes trata-se de uma base simples com uma frase, então Gabinha faz uma bateria também simples para poder acompanhá-los. A partir daí a composição “ganha corpo”: a estratégia que a baterista utiliza é gravar essas músicas nos ensaios e com calma em casa, adicionar mais elementos. Conforme ela vai ficando mais confortável com a música, acrescenta “firulas”. Ela também pede ideias e opiniões para seu companheiro, que também é baterista em bandas punk de Curitiba e para seu professor, visto que faz aulas em uma escola de música. E claro, as instrumentistas também se espelham nas bandas de suas preferências, então é possível encontrar referências de alguma banda de carreira⁶ nas músicas das Jaguatiricas.

As Cigarras alternam seus ensaios na casa da Babi e Rubia (que moram juntas) e na casa da Maria Paraguaya. A banda opta por ensaiar em casa por alguns motivos. Primeiro,

⁴ Abreviatura de amplificador.

⁵ Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Paraná.

⁶ Bandas que estão ou estiveram por muitos anos tocando juntas. Não se refere necessariamente somente as que fizeram sucesso e ficaram famosas, mas contempla também as bandas independentes.

porque ambas as casas têm espaço grande o suficiente para que possam deixar os instrumentos e tocarem à vontade, bom ressaltar que todas as instrumentistas têm seus próprios equipamentos. Como todas elas tocam em outras bandas, tentam ensaiar uma vez na semana, geralmente à noite, e tomam o cuidado para não ultrapassar das 22h para não incomodar os vizinhos. Ensaiar em casa permite que a banda possa fazer vários intervalos para trocarem ideias sobre alguma música, combinar o figurino para o próximo show (a banda sempre toca com cores de roupas iguais) e repassar várias vezes alguma música em que sentem mais dificuldade ou as músicas novas.

Elas também gostam de fazer vídeos caseiros para divulgarem os shows e aproveitam esses momentos dos ensaios. Utilizando os próprios celulares e alguém ou algum objeto que identifiquem como interessante ou engraçado, mas que não necessariamente tenha a ver com a banda, é o momento criativo agindo para se chegar a um objetivo. Por mais que ensaiar seja exaustivo, elas consideram tão importante quanto o show. Para Babi, as integrantes precisam estar entrosadas e cada uma na banda faz um trabalho, na qual ela compara com o trabalho de formiguinhas, todas precisam ser responsáveis e cumprir com o seu papel, para que a banda “funcione”, dê certo. Dessa forma, na hora do show a banda estará entrosada o suficiente, fazendo com que a música e a comunicação entre a banda fluam naturalmente.

Outro motivo pelo qual ensaiam em casa é a questão da maternidade, Rubia e Paraguaya tem filhos e precisam adequar suas rotinas de cuidados com as demandas da banda. Ambas dividem esse trabalho com seus companheiros, que também são músicos, então a parceria e companheirismo precisam ser constantes para que consigam cumprir a função de pais e mães e de músicos. A música não é um passatempo para elas, é trabalho obviamente prazeroso. Mas é por meio da atuação nas bandas que conseguem sustentar seus (suas) filhos (as) ou complementar a renda da família.

Paraguaya não considera fácil a vida de artista. Ela gostaria de ter mais tempo para compor, criar músicas novas, mas por enquanto não pode deixar de trabalhar fora para se dedicar a casa, família e viver da sua arte, apesar de cogitar isso para o seu futuro. Como ambas também são casadas com músicos, precisam contar com auxílio de seus familiares e amigos (as) para cuidarem das crianças, principalmente quando as datas de shows coincidem ou quando haverá shows com as bandas em que os casais tocam em comum.

Beta e Tocha, casal das Jaguatiricas tem uma filha pequena e também necessitam de apoio quando vão tocar. Em um dos shows da banda, Beta faz um agradecimento especial no

intervalo das músicas para sua irmã e para o companheiro da Gabinha, que são duas das pessoas que cuidam de sua filha nos dias de ensaios e shows, e diz que se não fossem por eles, a banda nem existiria. Tiemi também tem filho pequeno e conta com o companheiro e familiares para ficarem com ele durante os ensaios e shows.

Percebo aqui, que as mulheres assumem jornadas duplas ou triplas de trabalho para conseguir conciliar os cuidados com filhos (as), casa, trabalho e banda. Não se deve deixar de considerar que em nossa sociedade, as mulheres estão determinadas a assumirem os papéis de cuidado com filhos (as), lares e companheiros. Sendo esse comportamento enraizado, é normal considerar que as mulheres estão delegadas a assumi-lo como se fosse parte da sua natureza, quando na verdade, o que determina as distinções dos gêneros é a cultura estabelecida em casa sociedade.

Com a divisão do trabalho de cuidado com seus companheiros, amigos (as) e familiares, é possível que ambas possam manter suas atividades na banda, sem desanimarem e desistirem de seguir carreira na música.

Algumas vezes as crianças participam do ensaio, tocando algum mini instrumento musical de brinquedo, no qual as integrantes incentivam no gosto das crianças pela música. A influência da família por sensibilizar as crianças pelo interesse à música, se dá pelo caráter de transformação social que a música é capaz. Através dela, as crianças aguçam sua criatividade, a sociabilidade e interação com seus pares, além do prazer e realização de ver seu/sua filho/filha exercendo a mesma atividade que seus familiares.

Durante essa pesquisa, a Dopamina passou por uma mudança em sua formação, Monique deixou a equipe e Karina entrou para assumir as baquetas. Elas ensaiam em um estúdio pelo tempo aproximado de duas horas, pois durante uma música e outra, podem trocar ideias que visem aprimorar as músicas durante esse processo de transição da banda. Elas também param em alguns momentos para ouvirem algumas músicas que tem gravadas em seus celulares para lembrarem quando há uma mudança de nota ou uma virada de bateria.

Shá e Ana contam como Karina entrou rápido com a banda, pois com apenas três ensaios, elas já conseguiram tocar em dois eventos. Entretanto, como elas ainda estão em fase de adaptação e Karina está “pegando” as músicas, alguns shows precisaram ser cancelados. Ao todo, a banda toca 12 músicas entre canções próprias e covers, e durante os ensaios, conforme a música escolhida para entrar no repertório da banda em sua nova formação, pode acontecer dela ser tocada três ou quatro vezes até sair completa.

OS MEIOS DE PRODUÇÃO DIY

As bandas de punk rock têm maneiras independentes de divulgação das bandas e dos shows e independentes nas formas de distribuição de suas músicas. O DIY (do it yourself, na tradução: faça você mesma) é uma das dinâmicas mais utilizadas no meio *underground*, desde a confecção de acessórios, roupas, produção de zines e lambe-lambe até as formas de lançamento e vinculação das músicas. É uma forma de fazer qualquer coisa com pouco dinheiro e sendo menos consumista o possível. Fogem do estilo de produção convencional praticados por profissionais da área, “trabalhos efetuados completamente à margem dos mundos da arte profissional por pessoas comuns” (BECKER, 1982, p. 211).

Apesar da utilização das redes sociais serem uma grande ferramenta de divulgação, comumente em Curitiba é possível observar em diversos postes localizados no centro da cidade perto dos bares do *underground*, cartazes de shows e festivais. Esses cartazes, chamados de lambe-lambe, são na maioria das vezes feitos como colagem e reproduzidos por meio de cópias xerox em preto e branco e grudados com uma cola caseira.

Os cartazes também são vistos nos bares *underground* onde geralmente as bandas se apresentam, em um local específico para a colagem deles ou até mesmo nas portas dos banheiros, locais que possivelmente tenham uma visibilidade maior.

Os zines também são uma das formas das bandas expressarem suas motivações e exporem suas letras. Antes do advento dos e-mails e redes sociais, os zines eram distribuídos ou vendidos em shows e enviados para várias pessoas de qualquer local do país ou do mundo via correios. Como já foi mencionado anteriormente, os zines foram muito importantes para o movimento riot grrrl, trazendo informações sobre cultura, feminismo e punk rock, ajudou a divulgar diversas bandas riot e a agregar mais mulheres ao movimento. Emanuela Siqueira, vocalista da banda “Paquitas do Capeta”, explica:

No Brasil o uso das zines como meio de divulgação das ideias das bandas - assim como das letras, nomes das integrantes e etc. - teve seu auge na década de 1990, influenciadas principalmente pelas bandas riot grrrls. Porém, mesmo com número menor de bandas na cena punk do final da década de 1970 e começo de 1980 encontramos bandas como As Mercenárias distribuindo a tradicional zine com letras e informes da banda. A pesquisadora Camila Puni - talvez o maior nome na pesquisa de zine feminista no Brasil - compilou para o doutorado zines feitos na década de 2010 até 2019 e fez um diário de bordo. Fiquei impressionada como a zine feminista

ainda anda junto com eventos de bandas formadas por mulheres. O que tem acontecido é que nem sempre as zines são especificamente das bandas e sim de zineiras que tenham diálogos feministas com as bandas ou integrantes de bandas que tenham uma produção específica. Vi isso com a Bertha Lutz em que a vocalista Bah Lutz já fez zines sobre mulheres negras, sapatão e gordas (SIQUEIRA, Emanuela, 2020).

Atualmente em Curitiba, são poucas bandas que adotam esse meio de comunicação e divulgação, sendo mais fácil acompanhar os passos das bandas pelas mídias sociais. Emanuela também ministrou duas oficinas de zine em Curitiba, uma para meninas e adolescentes, outra para mulheres adultas e a partir disso fala um pouco sobre suas experiências e expectativas:

Dando oficina de zine feminista percebi que sim, há uma urgência que só a zine pode transmitir, ainda mais com o retorno do interesse na colagem, por exemplo. A gente tem que lembrar que o modelo de colagem e publicação independente, feita manualmente, vem de pelo menos um século atrás, sempre teve força política vide os Situacionistas, por exemplo. Percebi que os encartes da Zoom Discos, aqui em Curitiba, são espécies de zines com letras, imagens referentes à banda e etc. Talvez tenhamos que repensar o que conhecemos como zine e também entender por que as bandas tendem a descartar a prática do material físico. Porém eu ainda vejo muito conectado zines + eventos feministas + shows de bandas fora de Curitiba. Talvez seja algo da cena local que precise de um estímulo maior porque zine é um formato artístico e traz a urgência do momento, é algo que fica e ajuda marcar as lutas históricas, subverter linguagens, tópicos assuntos importantes em cada época. Ajuda a própria banda a não esquecer a sua história, até porque no punk e HC as bandas vivem dessa urgência de expôr a raiva e indignação (SIQUEIRA, Emanuela, 2020).

Não é mais necessário aguardar o lançamento de um disco físico em uma loja ou acompanhar mensalmente revistas impressas para estar por dentro da indústria musical, nos tempos atuais, é possível acompanhar, divulgar e escutar as bandas por meios das mídias sociais. As quatro bandas que acompanhei nessa pesquisa têm páginas e divulgam seus trabalhos nas redes sociais (facebook/instagram). Existe também, gravações feitas em estúdios pequenos e independentes disponíveis em plataformas digitais⁷. Como explica Campoy (2010):

Antes de ser uma fórmula “antimercado” ou “anti indústria-fonográfica”, o *underground* é uma organização específica de mercado e indústria da música,

⁷ Para ouvir Naome Rita, acesse aqui: <https://open.spotify.com/artist/588JhzOuM9mrnKPWh55DzU>
Para ouvir Cigarras, acesse aqui: <https://open.spotify.com/artist/3Iwkn0TayvJh9x1yTu8p0p>
Para ouvir As Jaguatiricas, acesse aqui: <https://open.spotify.com/artist/3aBhsMu9GnkkboATVdKCtk>
Para ouvir Dopamina, acesse aqui: <https://dopaminacwb.bandcamp.com/releases>

dispondo técnicas e tecnologias de produção, distribuição e divulgação de maneira que lhe proporcionem maior autonomia, controle e discricção. Frente ao gradiente de meios de comunicar disponíveis, o *underground* seleciona e utiliza ao seu modo os métodos de fazer e propagar música que lhe interessam (CAMPOY, 2010, p. 96-97).

Até alguns anos atrás, as bandas que tinham dificuldades em produzir suas obras por falta de condições em conseguir equipamentos bons ou pagar um estúdio que tenham esses equipamentos, eram consideradas marginalizadas. Aqueles que de certa forma inovavam em seus trabalhos, fugindo do tradicionalismo convencional, eram tachados de perturbados. Segundo Becker (1982, p. 207) “quando as pessoas agem de um modo não convencional num dado mundo, são encaradas (pelos membros ativos desse mundo) como insociáveis”. Nos tempos atuais, porém, por conta da facilidade no acesso a programas de gravação e edição de áudio e vídeo, muitas bandas podem mostrar preferência em organizar um espaço em casa para trabalharem com a maior liberdade possível no processo de suas composições, assim como muitos montam estúdios caseiros dentro de casa, abrindo as portas para as bandas do *underground* gravarem suas músicas e álbuns.

Para Babi não existem obstáculos na atualidade para quem quer gravar de forma independente justamente por conta da facilidade de acesso em encontrar esses programas na internet. A internet facilitou também o acesso do público as obras dos artistas. A grande maioria das bandas disponibilizam suas músicas nas plataformas de streaming.

Porém, apesar das mídias sociais terem ganhado espaço maior nos últimos tempos, muitas bandas tendem a lançar seus materiais em formato físico. A banda Cigarras lançou no primeiro semestre de 2020 seu primeiro LP de vinil em 7”⁸. A produtora independente curitibana Zoom discos⁹, vem lançando discos de bandas *underground* desde 2014 e é responsável por lançar os compactos das bandas The Jorquettes¹⁰ e Cigarras. Babi conta que os lançamentos em formato físico, assim como os outros merchans como camisetas, patches¹¹ e outros produtos que as bandas disponibilizam para seu público, são de grande importância, visto que o valor que elas recebem das plataformas streaming não são suficientes para mantê-las. Ela também diz que quando uma de suas bandas é chamada para tocar em algum evento em outro Estado, ela tenta contato com várias casas de shows para tentar marcar o máximo de

⁸ Disco de diâmetro menor e com menos músicas do que o convencional que é de 12”

⁹ Página da Zoom discos no facebook: <https://www.facebook.com/zoomdiscos/>

¹⁰ Uma das bandas de punk rock formada por mulheres de Curitiba. Para ouvir, acesse aqui: <https://open.spotify.com/album/66VYjDTBGxFkRm8zLxFy0e?si=TgVjca6kTe6zp1yHxMHKvA>

¹¹ Pedaco de tecido com a logo ou o nome da banda bordado ou pintado em tinta de tecido.

apresentações o possível e receber cachês que possam, pelo menos, pagar a viagem e seus custos, pois o valor que uma banda *underground* recebe em seus shows é muito menor que uma banda do *mainstream* ganha. Nem sempre uma banda independente recebe um valor fechado por show, algumas vezes, há um acordo entre o (a) dono (a) da casa de shows ou produtor (a) e banda para dividir a quantia arrecadada da bilheteria.

Com as mídias sociais, uma banda tanto do *mainstream* quanto do *underground* tem a possibilidade de chegar a ouvidos de diversas partes do país e até mesmo de várias localidades do mundo, considerando que basta que o ouvinte tenha aproximação aos meios de acesso a plataformas de música como computador ou celular e internet. Além do fato que as redes sociais contribuem na divulgação de bandas de diversos estilos ao possibilitar que seus usuários possam compartilhar o trabalho dessas bandas.

A Naome Rita também lançou seu trabalho em um formato convencional. O primeiro foi em 2014, quando as plataformas de streaming ainda não eram tão difundidas pelo Brasil. Emitido em formato de CD-ROM¹², toda a gravação assim como sua distribuição foi feita de forma DIY, com dinheiro que as integrantes guardaram de shows e sem a distribuição de um selo fonográfico. A banda também gravou o EP “Tropical Punk” em 2017 com 8 faixas, porém com apenas 50 cópias para suprir a demanda de um público que gosta de adquirir materiais físicos das bandas.

A preferência pelo material físico pode ser explicada pelo ritual na prática da escuta da música, de poder sentar e prestar atenção aos detalhes, de manipular o encarte e o prazer nostálgico de escutar o som do toca-discos ou cd, diferente de ouvir música em mp3 que geralmente é realizada em conjunto a outras atividades como caminhar e trabalhar. Além do fato de estar ajudando as bandas a se manterem no *underground*, adquirindo os materiais disponibilizados por elas.

“PUNK ROCK NÃO É SÓ PRO SEU NAMORADO”

Nos shows de ambas as bandas, pude perceber o quão as mulheres que participam se sentem mais à vontade para interagir pogoando, dançando e cantando. O pogo é uma “dança” típica do movimento punk. Dança entre aspas porque não é só uma manifestação ao ritmo da

¹² Disco compacto que armazena músicas.

música, é uma maneira de manifestar as emoções de quem está no meio: raiva, dor, êxtase, alegria... Caiafa (1985) define o pogo como:

O movimento é de fustigar o chão com os cintos e as correntes, inclinando-se para a frente e retrocedendo, inclinando-se novamente e girando o corpo para os dois lados, como que isolando seu território como uma arma. Essa dança-luta não tem movimento mais ameno, nenhum volteio (CAIAFA, 1985, p. 29).

Geralmente os mais jovens dominam a pista e o pogo; socos, empurrões, berros, exteriorizando algo que parece estar incomodando e agora é o momento exato de exprimir suas revoltas individuais num ritual coletivo, pois os sentimentos são individuais, mas a forma de exprimi-los é coletiva.

Nas minhas vivências nos shows *underground* durante esses quase 20 anos, pude perceber que o público que antes era majoritariamente masculino, assim como as bandas, agora é bem mesclado, as mulheres sentindo-se representadas passam a frequentar mais os shows, a apoiar e incentivar as bandas, também sentem que podem ser mais do que apreciadoras e passam a se interessar a aprender um instrumento. Compreendo isso através dos relatos em shows, como o de Mariana, que recentemente resolveu aprender a tocar baixo:

Me sinto inspirada e representada. Quando assisto essas bandas sinto que também tenho a capacidade de participar da cena musical não só como espectadora. Também percebo que é muito gratificante ver mulheres no palco tocando estilos de música que eu gosto, ocupando espaços tão masculinos (SCHWAB, Mariana, 2019).

Ao contrário do que geralmente é propagado, as mulheres não estão brigando para ocupar os espaços das outras, mas sim inspirando e ambicionando que outras mulheres tenham as mesmas oportunidades que os homens, sem que para isso precisem passar por algum tipo de preconceito simplesmente por serem mulheres. Esse sistema de troca entre as mulheres do *underground* curitibano não se refere somente a troca de produtos de merchan, ou seja, produtos relacionados a bens materiais e de consumo, mas sobretudo a troca de contatos e de divulgação das bandas. Uma efetiva rede de cooperação e união entre as mulheres é criada, tendo como objetivo além da divulgação dos shows, estimular outras mulheres a frequentarem esses espaços e o incentivo para que montem suas próprias bandas com outras mulheres. Ísis é baixista e vocalista em duas bandas de Curitiba, quando questionei sobre sua trajetória na música, ela respondeu:

A música surgiu em minha vida por acaso. Nunca foi algo planejado, não tive incentivo de familiares, pois a cobrança deles por uma formação acadêmica e êxito profissional em minha vida sempre foi muito rigorosa e constante. Aos 15 me interessei pela guitarra, me limitando ao básico. Fiz algumas aulas de teoria musical que não imaginava que seria essencial no meu futuro. Até meus 25 anos iniciei quatro graduações em diferentes cursos (direito, biomedicina, administração, filosofia) e em paralelo durante esses anos, trabalhava em comércio como vendedora. Foi em Curitiba que tive a oportunidade de conhecer o *underground*, da qual mudou minha visão de vida completamente, ou melhor, possibilitou a minha liberdade, quebrando barreiras e padrões sociais impostos ao longo da minha vida, padrões estes que sempre foram resultantes de minhas frustrações. Após sete anos vivendo deste universo alternativo, me caso com um músico e após cinco anos, o baixista de sua banda desiste de prosseguir com o projeto. Brincando com o baixo, sugiro entrar no lugar, o que não fui levada a sério, tendo como resposta: “se tirar 10 músicas sozinha, beleza”. Com muito empenho, consegui tal façanha, difícil para mim pois não tinha habilidade de audição para diferenciar os instrumentos numa música. Após este feito trabalhamos juntos. Aprendi muito, estou numa banda há quase três anos com músicos com uma bagagem musical enorme, o que atribuo ao meu desenvolvimento mais rápido. A música, portanto, sempre foi um desafio, mas foi o único “curso” e trabalho que nunca me desinteressei. Tornando hoje meu estilo completamente oposto ao planejado. E a experiência impactante foi o fato de ser mulher, pois não imaginava que o machismo e a desigualdade estivesse presente nesta área também. Quando comecei a tocar, não tinha visto desta perspectiva, apenas após shows quando as pessoas vinham falar o quanto era incrível uma mulher tocando numa banda com homens que percebi esse outro lado, o que me fez abraçar e mergulhar nesta causa, buscando a igualdade na cena (SOPHIA, Ísis, 2019)

Quando mulheres organizam os “rolês”, percebe-se uma presença maior de mulheres divulgando seus trabalhos, promovendo e dando visibilidade para a produção independente e autônoma feita por mulheres, que dificilmente será vista em outros espaços, criando assim uma rede de apoio e estímulo de mulheres para mulheres, assim como também é perceptível um número maior de bandas formadas por mulheres compondo o line-up.

Naome Rita

A Naome Rita apesar de ser uma duo, já foi um trio com integrantes baixistas, porém quem sempre esteve à frente de toda a organização e “carrera” para que a banda ganhasse um espaço dentro do *underground* curitibano foram Sisie e Ivy. A dificuldade de encontrarem baixistas mulheres ou esperar que os baixistas vestissem a camisa da banda (no sentido de se comprometerem) fez com que a dupla decidisse seguir com guitarra e bateria.

A maioria desistiu porque viu que ter banda no *underground* é difícil, fatigante. No começo tínhamos que juntar grana para tudo, muitas vezes não recebíamos para isso,

tocávamos em lugares longe e os candidatos não estavam prontos para esse sacrifício (SOARES, Sisie, 2020).

Nos shows da Naome Rita, a guitarrista Ivy sempre pede para que as mulheres fiquem à frente do palco e os homens atrás delas, gesto semelhante ao que Kathleen Hanna da banda Bikini Kill, precursoras do movimento Riot Girl, fazia em seus shows. A ideia é que as mulheres possam participar mais dos shows, que consigam ver as bandas e não sejam excluídas e ou deixadas de lado.

Outro fato importante de mencionar sobre a banda é que na maioria dos shows a bandeira do MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra) é hasteada atrás do palco, as integrantes também usam os bonés do movimento.

A Naome Rita também consegue deixar os participantes extasiados durante toda apresentação. É possível perceber nos shows a participação de um público mais jovem na faixa de 18 a 35 anos, pessoas mais velhas também presenciam e apreciam as apresentações da duo, porém é perceptível que a predominância nesses shows são de um público jovem.

A duo tem uma energia contagiante e faz com que o público sinta que faz parte da banda, como num momento em que Sisie levou o surdo da bateria para a pista e tocou ao lado dos participantes. Quando o show acaba deixa a sensação de que a banda teve o seu dever cumprido ao olhar as expressões e sorrisos de cada um que estava com o olhar vidrado na banda.

As letras das músicas fazem uma ironia sarcástica veiculando as críticas sociais. Um exemplo é a música “Dado”, uma crítica ao ator Dado Dolabella, acusado de agressões físicas e morais as ex companheiras, e de não pagar pensão alimentícia para seu filho, o ator chegou a comentar em sua rede social a frase “mais feminista que eu?” Na música Sisie e Ivy pedem para Dado cancelar sua internet, pois ele não sabe fazer uso dela. No videoclipe da mesma música constam dados sobre o feminicídio no Brasil, no show é um dos pontos altos de interação entre público e banda.

Dopamina

Com seus riffs rápidos, a Dopamina faz com que os participantes pogramem durante o show. A banda tem influências bem diversas, passeiam entre outros subgêneros do rock como o grunge e o metal. Algumas músicas têm uma pegada mais metal punk e isso colabora para

que a banda toque em festivais ou shows de outros subgêneros. As musicistas da Dopamina definem o público da cidade de Curitiba como diversificado, se nos shows tiverem bandas de diversas vertentes do rock, mais pessoas terão oportunidade de conhecer bandas diferentes em uma mesma noite. Elas também acreditam que como a banda está ficando com um som mais pesado, surgem mais convites para tocarem com bandas dos subgêneros metal e trash metal.

O festival Noise Bleed Fest II ocorreu em um dos bares mais tradicionais do *underground* curitibano, o 92º grau, lugar que valoriza e prioriza as bandas locais e independentes. Logo na entrada do bar é possível observar mesas com diversos merchans das bandas que iriam tocar como fitas cassetes, cd's, camisetas, pats, adesivos, entre outros. O público é formado por pessoas das mais variadas idades e apesar de ser bem misto, nota-se a predominância do público masculino. Importante informar que as quatro bandas da noite contam com integrantes mulheres em sua formação. A banda de abertura foi a Dopamina, o trio mostra-se bem entrosado mesmo com poucos meses da nova formação, as músicas que Karina estava aprendendo nos ensaios já estão sendo muito bem executadas. Nas primeiras músicas, Ana teve problemas com o cabo da guitarra e enquanto tentava solucionar, Shá e Karina terminaram de tocar uma música antes de pedirem licença para o público para pararem o show de modo a solucionar a falha técnica. Ana precisou pedir ajuda para alguém do público. Prontamente subiu ao palco a vocalista de uma banda que não iria tocar no festival com um cabo emprestado de uma das outras bandas, mulheres pelas mulheres! Problema solucionado a banda voltou potente, com músicas pesadas, público animado para o pogo e o balançar dos cabelos¹³. O público se manifestou mais intensamente quando Shá anunciou que a próxima canção seria em português. Véspera do Dia Internacional da Mulher, a banda prestou uma homenagem às mulheres presentes com a música “Lute”, levando as mulheres para a frente do palco. O ponto alto foi um cover da banda “Bulimia”, “Chegou a hora”, que finalizou o show com muitos aplausos e elogios de todos o que estavam presentes. O trio tem em seu repertório tanto músicas em inglês como em português, Shá explica:

O que acontece é assim: quando a gente começou, eu tinha muita coisa pronta de letras que estavam engavetadas há muito tempo e nunca tinham ido pra frente. Essas letras eram todas em inglês e aí à medida que a gente foi começando a compor coisas mais nossas em conjunto, a Ana também trouxe músicas da outra banda. Eu sempre tive mais facilidade para fazer letras em inglês por ouvir muita coisa em

¹³ Geralmente praticado pelos fãs de Heavy Metal, o headbanging é uma dança que consiste em balançar os cabelos compridos no ritmo do som. Popularmente conhecido como bate-cabeça.

inglês e tal e pela própria coisa da construção, mas aí eu comecei a pensar que a letra em português alcança muito mais gente, a mensagem é passada de uma maneira mais clara para todo mundo. Aí as mais novas são em português (TOLEDO, Shá, 2020).

Ana explica que conforme as músicas começaram a serem compostas somente em língua portuguesa, elas pensam em continuar trilhando por esse caminho. A banda acredita que no ambiente que estamos inseridas, o tipo de música que elas querem fazer, o que importa agora é a mensagem a ser passada, é mais importante do que pensar na possibilidade de tocar em países estrangeiros ou de seu trabalho ser lançado em um mercado internacional, por isso pretendem fazer mais músicas em português. As letras da Dopamina retratam situações contemporâneas em que nosso país está vivendo, críticas sociais, pessoas em situações de rua, desigualdades sociais, causas como o feminismo, situações cotidianas em que as mulheres estão expostas, crises pessoais, e sobre satisfações e autoconfiança.

Cigarras

Os shows das Cigarras são bastante intensos, o público é bem participativo e bastante misto, é perceptível a paridade de homens e mulheres que assistem aos shows. Por serem musicistas mais experientes, despertam admiração principalmente pelo público de mulheres, “quero tocar baixo como a Rúbia”; “vou fazer aulas de bateria com a Babi”, dizem algumas participantes. As integrantes se entregam totalmente ao show. As Cigarras foram convidadas para tocar em um evento chamado *Underground Ilustrado*, em que artistas da cena *underground* curitibana puderam expor seus trabalhos, que varia de ilustrações a esculturas. Esse evento, que está em sua segunda edição, faz parte de um festival que já é consolidado na capital curitibana, o Psycho Carnival¹⁴. Os shows de abertura do *Underground Ilustrado* aconteceram na Gibiteca de Curitiba e além das Cigarras, a banda The Jorquettes, formada em sua maioria por mulheres, abriram a exposição.

The Jorquettes é composta por: Stephe Bomb no vocal; Pri Foxy na guitarra solo; Carol Ramone na guitarra base; Aline Rety no baixo e Daniel Big Strummer na bateria. Fazem um estilo punk clássico, “sem firulas” como elas mesmas se identificam. A banda aborda assuntos cotidianos e suas influências vão do The Runaways (daí que surgiu o nome da banda, uma homenagem a Joan Jett, ou Jorquette como a banda gosta de chama-lá) ao

¹⁴ Leia mais aqui: <https://barulhocuritiba.bemparana.com.br/post/psycho-carnival-de-encontro-de-amigos-a-festival-internacional#.XlaNUihKjIV>

Ramones (os nomes das músicas da The Jorquettes geralmente começam com “I Hate”, assim como várias músicas da banda de punk rock nova iorquina que começa com “I Wanna”)¹⁵. O show da The Jorquettes é animado e divertido, as integrantes interagem com o tempo todo com o público, explicando como se originou a ideia para as canções (que são em inglês), dançando enquanto tocam, sempre com um sorriso no rosto.

As Cigarras entram todas de vermelho, uma atrás da outra como em um time de futebol entrando em um estádio, pronto para começar a partida. Mostram sua potência logo na primeira música, a corda da guitarra da Taís chega a arrebentar e, pela falta de uma corda sobressalente, sua guitarra precisou ser trocada por uma das guitarras da The Jorquettes. A banda já tem seu público fiel, participativo (que canta junto com as artistas várias de suas músicas) e bastante variado, desde crianças pequenas que acompanham suas famílias até um curioso ou outro que estava passando pelo prédio do Museu Solar do Barão e resolveu entrar para conferir o que estava acontecendo.

A baterista Babi tem um forte carisma e um grande carinho por crianças pequenas, enquanto toca, chama as filhas de suas amigas, que não têm mais que cinco anos, para acompanhá-la na bateria, seja dançando ao seu lado, seja tocando o chimbau. O show vai ficando cada vez mais intenso e as músicas cada vez mais rápidas, às vezes sem pausa para apresentar a próxima, o grupo emenda uma na outra. As integrantes trocam sorrisos e conversam entre si o tempo todo, é perceptível o quanto elas são bem entrosadas. A banda termina o show agradecendo aos participantes e a Zoom Discos, produtora independente de Curitiba que vai lançar em 2020, o primeiro LP 7” da banda.

Jaguatiricas

Nas apresentações, as Jaguatiricas usam tiaras com orelhas e com alguma peça de roupa que lembre uma jaguatirica. Além disso, elas têm uma coreografia para a música “dança da jaguatirica” – *faz a orelhinha, miau, miau, miau, faz o bigodinho, miau, miau, miau, faz a patinha, miau, miau, maiu, a jaguatirica* – referenciando assim a marca registrada da banda. Mas para além do “uniforme” e da música que referenciam o nome da banda, é possível notar em suas letras que a banda também se preocupa com questões sociais, como

¹⁵ Esse não é o primeiro projeto de Carol Ramone e Aline Rety, ambas tocam juntas desde o final da década de 1990 e já são conhecidas do público *underground* curitibano.

demonstram em vários shows, como no pré-Carnaval de 2019 (em que estavam todas “fantasiadas” de barbie e playboy fascistas, ambos memes¹⁶ que circularam na rede social facebook), uma crítica sobre as eleições de 2018 e a conjuntura política do país.

O ponto alto dos shows é a música “Saco de Vacilo”, que remete a cidade de Curitiba.

“Essa cidade, é um saco de vacilo. Eu quero sair daqui, mas também não tenho para onde ir. Nessa cidade só tem vacilão, não sei quanto tempo eu aguento não. Essa cidade é um saco de vacilo. Eu quero sair daqui, mas também não tenho para onde ir. Já não aguento mais essa ferida aberta, mais um ano aqui é hospício na certa. Essa cidade é um saco de vacilo”.

A banda também teve a oportunidade de fazer um show de abertura para uma célebre banda londrina da safra de punk rock de 1977, o Vibrators. Percebia-se antes do show um misto de sentimentos das integrantes que hora beirava ao êxtase, hora ao nervosismo. Totalmente compreensível considerando que não são todas as bandas do *underground* que tem a oportunidade de tocar antes de uma banda com mais de 40 anos de carreira e que contribuiu na formação musical de muitos punks. Quase impossível conversar com elas antes do show, pois amigas (os) estavam todo o momento querendo parabenizá-las ou desejar sucesso e boa-sorte.

Outra música que movimenta o público nos shows, principalmente as mulheres, é “boy lixo”. A música é uma crítica aos homens que não dão voz para as mulheres, argumentando tudo o que falam como se não fossem capazes de ter um pensamento crítico ou uma opinião. Muitas vezes as mulheres são taxadas de loucas justamente por manifestarem seus posicionamentos.

Toda a vez que eu falo alguma coisa/ Ele já vem querer me explicar/ Não é possível tá pensando que sou tonta/ Eu tou cheia vou mandar ele pastar/ Eu não quero mais saber desse boy lixo/ Ele diz você tá exagerando/ Não me enche para de surtar/ Depois vem espalhando que tou louca/ Eu cansei vou mandar ele pastar/ Eu não quero mais saber desse boy lixo/ Toda a vez que eu falo alguma coisa/ Ele já vem querer me explicar/ Não é possível tá pensando que sou tonta/ Eu tou cheia vou mandar ele pastar/ Eu não quero mais saber desse boy lixo.

¹⁶ Imagens adaptadas para um determinado contexto e que acaba viralizando na internet.

As Jaguatiricas também pedem para que as mulheres passem a apreciar e reconhecer o trabalho de outras mulheres na música “museu”: “*E aí mulherada? Vamos boicotar esses espaços sem mulher? Vamos valorizar a arte de outras mulheres?*”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As quatro bandas foram escolhidas por estarem participando de forma ativa na cena underground curitibana, seja ensaiando, tocando, gravando ou participando na construção de projetos e eventos independentes na cidade. Apesar de ambas se considerarem punk, há influências diferentes em cada uma delas de outros subgêneros do rock, tornando-as diversificadas e únicas. Essa heterogeneidade de inspirações pode ser explicada pelos gostos particulares das integrantes e como essas especificidades estão articuladas nos grupos.

Através da minha participação em shows do *underground* curitibano como parte integrante do público, pude perceber que nos últimos 5 anos surgiram um número maior de bandas de mulheres ou bandas mistas com mais de duas mulheres musicistas. Não que antes as mulheres não tocassem em bandas, mas agora elas estão se destacando mais e se mantendo dentro do *underground*, influenciando umas às outras a montarem bandas, criando assim uma rede de apoio que aposta na coletividade e na união de mulheres.

A força de vontade dessas musicistas em se firmarem no *underground* de Curitiba, prova que lugar de mulher é também fazendo música, encorajando outras mulheres a aprenderem a tocar um instrumento e montar uma banda. Muitas mulheres, assim como eu, resolveram praticar um instrumento depois vivenciar os shows empolgantes e instigantes, que incita que devemos ser parceiras e apoiadoras umas das outras e que não devemos ver em nós como rivais, pois a mudança para uma sociedade mais equalitária começa na transformação de postura de nós mesmas.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard Saul. **Mundos da Arte**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. **Trevas sobre a luz:** o *underground* do heavy metal extremo no Brasil. 1.ed. São Paulo: Alameda editorial, 2010.

GOMES, C. S. Rodrigo. MELLO, I. G. Maria. Relações de gênero e a música popular brasileira: um estudo sobre as bandas femininas. In: XVII Congresso de ANPPOM, 2007. São Paulo. **Anais.** Disponível em: http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/etnomusicologia/etnom_RCSGomes_MICMello.pdf. Acesso em: 29 mai. 2021.

Documentário:

PUNKS na cidade. Darwin Dias. [Curitiba, abandonados pela história oficial, 2003]. 1 vídeo (1 h 25 min e 44 seg). Publicado pelo canal Thereza Oliveira. Português. Disponível em: <https://youtu.be/h3EdQjFEfQw>. Acesso em: 25 abril 2021.

Entrevistas:

AGE, Babi. Entrevista concedida a Carolina de Andrade Cardoso. Curitiba, out. 2019.

SCHWAB, Mariana. Entrevista concedida a Carolina de Andrade Cardoso. Curitiba, out. 2019.

SIQUEIRA, Emanuela. Entrevista concedida a Carolina de Andrade Cardoso. Curitiba, mar. 2020.

SOARES, Sisie. Entrevista concedida a Carolina de Andrade Cardoso. Curitiba, jun. 2020.

SOPHIA, Ísis. Entrevista concedida a Carolina de Andrade Cardoso. Curitiba, set. 2019.

TOLEDO, Shá. Entrevista concedida a Carolina de Andrade Cardoso. Curitiba, fev. 2020.

SOBRE A AUTORA

Carolina de Andrade Cardoso

Mestranda em Antropologia no Programa de pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná. Possui graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2020). Possui graduação em Letras Português/Literaturas pelo Centro Universitário Internacional (2016). Atualmente é professora de educação infantil da Prefeitura Municipal de Curitiba. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil.

Recebido em agosto de 2021

Aceito para publicação em novembro de 2021

Publicado em dezembro de 2021